

**MIRIAM EMI MORITA**

**O ESTRANGEIRISMO NA LÍNGUA PORTUGUESA:  
VAMOS REFLETIR OU SIMPLEMENTE  
LAMENTAR...**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS  
NÚCLEO DE MOEMA  
JABOTICABAL-SP  
2008**

**MIRIAM EMI MORITA**

**O ESTRANGEIRISMO NA LÍNGUA PORTUGUESA:  
VAMOS REFLETIR OU SIMPLEMENTE  
LAMENTAR...**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em: Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientador: Prof. Luiz Roberto Wagner.

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS  
NÚCLEO MOEMA  
JABOTICABAL-SP  
2008**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, em todos os momentos, por dar-me força, saúde, coragem e sabedoria.

Ao Professor Luiz Roberto Wagner, pela orientação, contribuição e dedicação.

Ao Marcos Vinícios Carvalho Dias e Kelli Luisa Colabuono Masutti, que me incentivaram e motivaram para que eu realizasse este curso.

Aos meus colegas de curso: Mônica Tonioli Iglezias, Marcelo Junqueira Marques, Débora Teraoka Watanabe e Gustavo César Faria.

A todos que direta ou indiretamente, contribuíram para o meu trabalho.

**Dedicamos**

Aos meus pais, meus sobrinhos Mateus, Duda e Thiago.

“É possível que, durante muito tempo,  
tenhamos simplesmente ignorado as  
opiniões dos leigos ao nos dedicar à  
nossa missão de elaborar teorias a  
respeito da linguagem?”  
(RAJAGOPALAN, 2003, p. 131)

## RESUMO

Nas últimas décadas, o uso de termos estrangeiros, principalmente advindos do idioma inglês, tem aumentado muito. Este fato trouxe à tona à discussão entre puristas-defensores do idioma português, estudiosos da língua e políticos, sobre o uso desses termos, cogitando-se até a proibição de uso, sob forma de lei, na qual se previa pena e punição. Partindo do pressuposto de que o estrangeirismo é um fato recorrente da língua, o trabalho que desenvolvemos tem por objetivo analisar quantitativamente o emprego de terminologia em língua inglesa na língua Portuguesa. Mas que motivos levam uma língua a emprestar palavras ou estruturas de outras? O motivo mais comum é a ausência de um termo ou expressão na língua vernácula, que se vê, então obrigada a utilizar um estrangeirismo? O Estrangeirismo empobrece ou enriquece o nosso idioma? No entanto, a questão é que o estrangeirismo, ainda que presente com dado notório em todas as línguas, tem causado muita polêmica. Tanto que gerou o Projeto de lei do deputado Aldo Rebelo, que proíbe escrever e até falar palavras estrangeiras. Este projeto “Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua” A leitura do texto da justificação do projeto deixa bem claro que o grande alvo de ataque do autor é os estrangeirismo, mais precisamente, as palavras de origem inglesa. Pretendemos tecer comentários a respeito das incidências desses termos, bem como discutir alguns aspectos e reações ao projeto.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>07</b>
<b>1 A LÍNGUA E SUA PERSPECTIVA HISTÓRICA</b>	<b>09</b>
1.1 Mudança, inovação e adoção lingüísticas	10
1.2 A inovação lingüística	13
<b>2 ESTRANGEIRISMO DO PONTO DE VISTA HISTÓRICO</b>	<b>15</b>
2.1 Estrangeiros e empréstimos	17
2.2 O uso de estrangeirismo e estratégias de exclusão	19
<b>3 CAUSAS E EFEITOS DO ESTRANGEIRISMO</b>	<b>23</b>
3.1 Lingüísticos –contra ou favor <b>Projeto de lei do deputado Aldo Rebelo</b>	24
3.1.1 Principais opositores ao projeto de lei nº 1676/99	24
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>31</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

O uso de termos estrangeiros, principalmente advindos do idioma inglês, tem aumentado muito nas últimas décadas, favorecidos por meios de comunicação mais ágeis e eficientes como telefone, fax, e-mail, internet entre outros. Este fato trouxe a tona à discussão entre puristas-defensores do idioma português, estudiosos da língua e políticos, sobre o uso desses termos, cogitando-se até a proibição de uso, sob forma de lei, na qual se previa pena e punição. A pureza do idioma português e a soberania nacional são defendidas pelos puristas, desconsiderando a própria formação do idioma português europeu, bem como a do português-brasileiro.

Partindo do pressuposto de que o estrangeirismo é um fato recorrente da língua, o trabalho que desenvolvemos tem por objetivo analisar quantitativamente o emprego de terminologia em língua inglesa na língua portuguesa.

O idioma do inglês avança a passos largos no mundo e projeta-se como língua capaz de suprir todas as necessidades de comunicação entre os mais diferentes povos e culturas. Conforme David Crystal (1997).

Mas que motivos levam uma língua a emprestar palavras ou estruturas de outras? A ausência de um termo ou expressão na língua vernácula, que se vê, então obrigada a utilizar um estrangeirismo? O Estrangeirismo empobrece ou enriquece o nosso idioma? No entanto, a questão é que o estrangeirismo, ainda que presente com dado notório em todas as línguas, tem causado muita polêmica. Tanto que gerou o Projeto de Lei do deputado Aldo Rebelo, que proíbe escrever e até falar palavras estrangeiras. Este projeto “Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua” A leitura do texto da justificção do projeto deixa bem claro que o

grande alvo de ataque do autor é os estrangeirismo, mais precisamente, as palavras de origem inglesa.

Pretendemos tecer comentários a respeito das incidências desses termos, bem como discutir alguns aspectos e reações ao projeto.

Este contexto justifica a discussão, neste trabalho, das reações contrárias e a favor ao PL 1676/99, Projeto de Lei do deputado Aldo Rebelo, que demoraram a surgir e que vieram de diferentes fontes.

Para atingirmos este objetivo, baseamo-nos nos estudos de especialistas que enfocam o tema estrangeirismo, e, além disso, as análises dos gramáticos tradicionalistas.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: 3 capítulos: primeiro A Língua e sua perspectiva Histórica; Mudança, inovação e adoção lingüísticas; A inovação lingüística. Capítulo 2: O estrangeirismo do ponto de vista histórico; Estrangeiros e empréstimos; O uso de estrangeirismo e estratégias de exclusão; Capítulo 3: Causas e efeitos do estrangeirismo; Lingüísticos: contra x favor ao projeto de lei nº. 1676/99; Principais opositores: e finalizando as considerações finais e referências bibliográficas.

## **1 A LÍNGUA E SUA PERSPECTIVA HISTÓRICA**

Eugênio Coseriu (1979), já havia observado que a língua não existe se não no falar dos indivíduos. Na mesma direção, Ferdinand de Saussure considerava que a língua não estava completa em nenhum indivíduo, isoladamente, e só na massa ela existia de modo completo. De acordo com o autor, a língua é um produto social da faculdade para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Ao interagir com a sociedade, o ser humano fala de acordo com o grupo social a que pertence e, desta maneira, a língua atua como mediadora entre o ser que fala e o seu objeto de conhecimento. A língua, nessa perspectiva é um fato social fundada na necessidade de comunicação.

A partir dos fatores históricos e da sociedade cultural as línguas mudam. Assim, é necessário que consideremos a língua não como sistema fechado em si mesmo, como defendia o Estruturalismo, mas como uma prática, em meio a fatores sócio-histórico-culturais.

A língua não é apenas um instrumento ou meio de comunicação. Ela se manifesta como prática social, em sentido estrito, visto que o termo “social” se refere, em essência, ao homem. Todavia, a língua não é simplesmente o fato social entre outros ou com outros, ela é o próprio fundamento de tudo o que é social, já que o homem se define em relação a outros homens, isto é, no estabelecimento de relações em um mundo de relações.

Enquanto prática social, portanto, dinâmica, a língua se constitui para cumprir uma função própria do ser humano e, como consequência, deve corresponder às expectativas do homem e atender às suas necessidades nas relações sociais, tornando-se, por conta disso, um produto histórico em atividade.

Nessa perspectiva, a língua não coincide com o sistema para se adequar ao tempo cultural, social e histórico. Segundo Coseriu (1979) as línguas mudam, porque têm história, constituem uma realidade em constante transformação no tempo.

## **1.1 Mudança, inovação e adoção lingüísticas**

As mudanças lingüísticas são percebidas tanto por meio de estudos lingüísticos, quanto por meio de estudos históricos, pois essas mudanças ocorrem em um período de tempo e envolvem aspectos internos e externos à língua. Aparentemente simples, a questão das mudanças lingüísticas relaciona-se a várias outras questões que trataremos neste tópico.

O modo de existência da realidade lingüística é a mudança lingüística e isto significa que a língua não existe sem mudar. A partir daí, dizemos que determinada língua, como o latim, por exemplo, é a língua morta, ou seja, é uma língua isolada de seu contexto lingüístico e real, portanto, é um sistema que não muda mais. Sobre essa questão J.V. Nascimento (op.cit.:6) afirma:

Embora se encontre em Ferdinand de Saussure explicação para aqueles que postulam uma concepção estática de língua – a língua é em si mesma um sistema imutável, pode-se observar que, nesta perspectiva, a língua que não muda é a mesma exposta aos fatores sócio-histórico-culturais, ou seja, aquela constituída pela historicidade e concretizada pela prática social. Dessa maneira, o que observamos é que a língua que não muda é a língua abstrata, ou seja, aquela que compõe uma gramática ou um dicionário. A língua que muda é a língua real, não isolada dos fatores externos, aquela que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos usuários, isto é, aquela que se realiza no uso.

Dizemos ainda que a mudança lingüística é a realidade com a qual os usuários convivem, mesmo que não percebam. O usuário comum tem a sensação de falar sempre a mesma língua, pois está envolvido em uma realidade lingüística. Além disso, a linguagem não é algo feito de uma vez, mas algo que se faz em contínuo. Como afirma J. V. Nascimento (op.cit.:10):

A língua, como objeto sócio-histórico, é abordada pela Historiografia Lingüística como processo e produto sociais, isto é, no mesmo instante em que influencia, ela caracteriza a sociedade, em um continuum perene de mudanças/regularidades.

Atualmente, porém, as mudanças lingüísticas são, de certo modo, mais facilmente percebidas pelos usuários. Com o avanço tecnológico dos meios de comunicação e o acesso facilitado à informação, os indivíduos entram em contato mais direto com as diversas possibilidades de usos lingüísticos que são resultantes de regularidades ou de mudanças na língua, em face às transformações socioculturais, as quais acabam configurando-se como mudança, em um período de tempo menor. Por isso, torna-se mais fácil para o usuário entender a língua como uma prática sociocultural.

Quando consideramos as mudanças lingüísticas, pensamos nas mudanças sociais, políticas e culturais o tempo. Não podemos ignorar que a língua seja um fenômeno puramente histórico. Qualquer mudança lingüística se dá em um tempo marcado por aspectos históricos e sociais. Por isso entendemos, segundo afirma Faraco (1991, p.17), que:

*A mudança lingüística está envolvida por um complexo jogo de valores sociais que podem bloquear, retardar ou acelerar sua expansão de uma para outra variedade da língua.*

A ordem de desenvolvimento das mudanças lingüísticas se dá do histórico para o lingüístico. Entende-se, então, que as relações sociais mudam por causa das infra-estruturas. A comunicação e a interação verbais transformam-se na representação das relações sociais, as formas dos atos de fala mudam como resultado da interação verbal e, o processo de mudança é visto nas alterações das formas lingüísticas.

Assim, para uma compreensão maior dos fenômenos de mudança lingüística, é necessário perceber sua relação com as mudanças históricas, sociais e culturais. De outra maneira, dizemos que a mudança lingüística, como afirma E. Coseriu (1979, p.19),

não pode ser isolada dos 'fatores externos', ou seja, de tudo aquilo que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos usuários da língua. Entendemos como externos a língua, os fatores sociais, culturais, políticos e econômicos aos qual a língua está exposta e cuja mudança está relacionada.

A mudança lingüística tem a sua origem no diálogo: na passagem de modos lingüísticos do falar de um interlocutor ao saber do outro. Tudo o que é falado pelo usuário – enquanto modo lingüístico – se afasta dos modelos existentes na língua

pela qual se estabelece o colóquio se pode chamar inovação. A aceitação de uma inovação, por parte do ouvinte, como modelo para constituir expressões subseqüentes, chamamos de adoção.

A inovação lingüística, conforme E. Coseriu (op.cit.:69), pode ser:

a) alterações de um modelo tradicional; b) seleção entre variantes e modelos isofuncionais existentes na língua; c) criação sistemática ('invenção' de formas de acordo com as possibilidades do sistema; d) empréstimos de outra língua (que pode ser total ou parcial e, em relação a seu modelo, pode implicar também 'alteração'); e) economia funcional (negligência de distinções supérfluas no discurso).

Segundo Coseriu (1979), outros tipos podem ser estabelecidos e compreendidos como inovação. A tipologia da inovação interessa na investigação dos modos em que o falar supera a língua constituída, mas não é essencial em relação ao problema da mudança lingüística, porque a inovação não se caracteriza como mudança. A mudança lingüística é a difusão ou generalização de uma inovação, ou seja, necessariamente, uma série de adoções sucessivas. Em última análise, toda mudança é originalmente uma adoção.

Assim, a adoção é um ato essencialmente distinto da inovação. A inovação, enquanto determinada pelas circunstâncias e finalidades do ato lingüístico, é um "fato de fala" no sentido mais estrito desse termo: pertence à utilização da língua. A adoção, em contrapartida, sendo aquisição de uma forma nova, de um variante, de um modo de selecionar, em vista de ato futuros, é constituída de um fato de língua, transformação de uma experiência em saber: pertence ao aprendizado da língua, ao seu refazimento por meio da atividade lingüística. A inovação é superação da língua: a adoção é a adequação da língua como (saber lingüístico) à sua própria superação. Tanto a inovação quanto a adoção estão condicionadas pela língua, mas em sentido inverso. Ademais, a inovação pode até ter causas físicas (como desvio da liberdade devido à necessidade física), enquanto que a adoção – no que se refere à aquisição, modificação ou substituição de um modelo lingüístico, de uma possibilidade de expressão – é um ato exclusivamente mental e, por conseguinte, pode apenas ter determinações finais: culturais, estéticas ou funcionais.

Assim, partindo do pressuposto de que a inovação se dá por meio do usuário, seria pouco provável que esse aceitasse tal inovação, se ela apresentasse como a funcional ou como incorreta. O termo incorreto, aqui usado, remete-se a toda

inovação que, sendo alheia ao sistema ou contrário à norma, não se justifique funcionalmente.

Neste sentido, pode-se dizer que quando uma inovação se transforma em uma adoção, essa corresponde sempre a uma necessidade expressiva. Por isso, a inovação, por meio de empréstimo lingüístico, quando não apresenta uma funcionalidade para o usuário, torna-se desnecessária ao sistema. Logo, dificilmente ela será adotada pela língua. Dessa forma, por mais que sejam abundantes as expressões estrangeiras, em nossa língua, em virtude de fatores socioculturais, apenas os que atenderem às necessidades funcionais serão adotados. Conforme Sobrinho (2000, p126-127):

Raros são os termos que sobram da inundação de estrangeirismos. É como a redução normal de um rio, depois das cheias, tudo volta ao leito anterior, com uns ou outros elementos a recordar às tormentas vencidas ou passadas.

## **1.2 A inovação lingüística.**

Outras palavras indicam o processo de inovação lingüística. A criação de uma palavra para indicar ações, nomes e qualidades novas. O termo internauta, segundo A. Houaiss (op. Cit.: 1635 apud Bagno 2001) é o usuário interativo da rede internacional Internet. Etimologicamente, a palavra surge da associação do termo Internet + o sufixo nauta, que designa o navegante ou aquele que navega. IE (26/01/2000) apresenta o termo dessa forma:

*A companhia telefônica repassa ao provedor parte da conta de telefone do internauta.*

O termo surge para designar o usuário da rede. M. C. Gennari (op. Cit.: 183) apud Bagno (2001) afirma: *no Brasil dizemos que a pessoa que navega pela internet é um internauta. Nos Estados Unidos se diz cybernauta.*

Na música (...) Lulu Santos diz: *estou plugado na vida*. Na acepção que a palavra ganha, a partir da evolução da informática o termo recebe uma carga de significação *plugado* é um adjetivo, que se refere ao individuo conectado a um computador ou a uma rede de computadores. IE (26/01/2000) traz o termo empregado com esse mesmo sentido:

*Vivemos plugados 24 horas por dia. Damos uma dimensão quase religiosa à ciência.*

## 2 ESTRANGEIRISMO DO PONTO DE VISTA HISTÓRICO

Freqüentemente, uma língua absorve termos de outra língua por empréstimo, principalmente, quando é necessário utilizar termos técnicos de uma área específica, quer seja no campo esportivo, quer no campo tecnológico ou em outros campos em que se faça necessário incorporar palavras e expressões novas, oriundas de outra língua.

Entre as línguas que mais têm emprestado elementos e expressões estrangeiras ao português contemporâneo, estão o francês e o inglês. Essas duas línguas, ao longo dos últimos séculos, muito contribuíram para a ampliação do vocabulário da língua portuguesa em uso no Brasil, e são justamente os empréstimos dela que preocupam muitos setores da sociedade brasileira. Isso se dá pelo fato de que alguns lingüistas e políticos acreditam que a pressão cultural imposta por essas línguas poderiam impregnar o português de termos que a longo prazo o desfigurariam, trazendo danos irreversíveis à nacionalidade, assim como às identidades lingüística e cultural.

Do ponto de vista histórico, durante a expressão do Império Romano, o latim, diante de guerras e conquistas, fora espalhado por toda Europa. Os romanos impuseram sua língua, sua cultura e seus costumes aos povos dominados. A esse processo, denominou-se *Romanização*. Para garantir a dominação política, os romanos exigiram que em seu vasto Império, o latim fosse de uso obrigatório nas escolas, nas transações comerciais, nos documentos nos atos oficiais. [www.mundocultural.com](http://www.mundocultural.com).

No entanto, o latim que foi disseminado, junto aos povos dominados, foi o latim dos soldados, colocados e funcionários romanos, intitulado de latim vulgar. E esse, sob o influxo de muitos fatores, diversificou-se com o tempo nas chamadas línguas românticas.

Devido a fatores como a grande dimensão geográfica do Império Romano, aliada aos fatores da diversidade de povos e etnias tão heterogêneas em seus costumes, o latim vulgar não pôde conservar a sua unidade, a qual já era extremamente precária como toda língua que serve de meio de comunicação a vastas e variadas comunidades de analfabetos [www.mundocultural.com.br](http://www.mundocultural.com.br).

Percebe-se que, nas regiões centrais mais importantes, o ensino do latim difundia o padrão literário e, com isso, retardava os efeitos das forças de diferenciação, mas, nos campos ou vilas mais afastadas das metrópoles a língua, sem nenhum controle normativo, ia moldando o seu próprio caminho.

A partir do século III, pode-se dizer que a unidade lingüística do Império já não existia. Os fatores locais foram acelerando o processo de *dialetalização*, principalmente, devido a alguns fatores histórico-políticos.

Diocleciano, que governou Roma de 248 a 305, instituiu a obrigatoriedade do latim como língua da administração. Mas, contrariamente ao que pensava, anulou os efeitos dessa medida unificadora, ao descentralizar política e administrativamente o Império em doze dioceses, fato que abriu caminho para o aguçamento de nacionalismos regionais e locais.

Ao deixar de ser capital do Império, Roma deixa também de exercer a função reitora da norma lingüística. Com a ascensão de Constantino (330), a sede do Império transfere-se para Bizâncio. Mais adiante, em 395, com a morte de Teodósio, o Império Romano é dividido entre seus dois filhos, cabendo para Arcádio o Império do Oriente, que se conservou até 1453 e, a Honório o Império do Ocidente. Esse último, devido às inúmeras invasões germânicas, ficou suscetível às forças lingüísticas desagregadoras que puderam agir, de tal forma que no século V, os falares regionais já estavam mais próximos dos enciúmas românticos do que do próprio latim.

Logo após essa fase de transição, começaram a surgir os primeiros textos redigidos em cada uma das línguas românticas. O português, dentre elas, teve o seu primeiro texto, ainda em galego-português, apenas no século XII. [www.mundocultural.com.br](http://www.mundocultural.com.br).

## 2.1 Estrangeiros e empréstimos

Os estudiosos dos fatos de linguagem apontam ser necessários diferenciar e precisar que os vocabulários “estrangeiros” e “empréstimos” não são designações que mantêm entre si equivalência de sentidos, como muitos acreditam. Câmara Jr. (1975), por exemplo, designa “estrangeirismo” apenas aos vocábulos emprestados de línguas estrangeiras, mas que não se integram ao vocabulário da língua nacional, visto não serem idiomatizados pelos usuários dessa mesma língua. Nesse sentido, embora empregados por um ou alguns grupos sociais, eles se mantêm e se revelam estranhos quando à flexão e grafia, na medida em que suas significações e/ou sentidos não são considerados como necessários, ou úteis pelos novos usuários. Todavia, em ocorrendo o contrário, eles são reinterpretados pelas matrizes fundadoras do vocabulário geral desses usuários, de sorte a se adaptarem ao sistema lingüístico de uso, quer fonomorfológicamente, ou sintático – semanticamente.

Para Guilbert (1975), esse processo de adaptação, implicando a interpretação dos vocabulários estrangeiros, abarca a criatividade lexical, visto ser a nacionalização não só uma questão de caráter formal, ou gramática, mas também semântica, pois se emprestam formas vocabulares que se remetem a signos lexicais e estes não são desprovidos de conteúdos sêmio-linguísticos.

Os conteúdos sêmio-linguísticos dos vocábulos estrangeiros carregam consigo carga histórico-cultural e, portanto, modelos diferenciados de interpretação de mundo e, conseqüentemente, de organização e ordenação de tais conteúdos, neles inscritos. Tais diferenças, nem sempre perceptíveis em um primeiro momento, são designadas por Silveira (1998) “implícitos culturais” e sobre eles há poucos ou esparsos estudos no campo da lexicologia. Entende-se, contudo, serem esses implícitos uma das razões, se não a prioritária, que dificulta a aprendizagem de línguas estrangeiras, pois eles impõem uma fronteira discreta, mas eficaz, entre aqueles que compreendem e os que não compreendemos sentidos locais e globais dos textos que circulam em língua estrangeira.

Segundo Carvalho (2003), é preciso considerar que as mudanças culturais não podem ser focalizadas como marco diferencial entre os povos e nações distintas, visto que elas também existem entre membros de uma comunidade, habitantes de um mesmo território nacional, usuários de uma mesma língua.

(...) Neste não se resolve com atitudes reacionárias, como estabelecer barreiras ou cordões de isolamento a entrada de palavras e expressões de outros idiomas. Resolve-se com o dinamismo cultural, com o gênio inventivo do povo. Povo que não forja cultura dispensa-se, quer queiram ou não seus gramáticos, à condição de meros usuários de situações alheias. (1981. P. 32).

Para o autor é preciso considerar o fato de os comportamentos sociais serem regulados por normas as quais orientam a conduta das comunidades humanas e respondem por sua adequação/inadequação, à semelhança do que ocorre com a linguagem. Entretanto, as normas que orientam os procedimentos verbais, de modo geral, complexas e coercitivas, afirma Cunha. Assim, as inadequações são consideradas desvios da(s) norma(s) aceito pelas comunidades, de sorte que eles são avaliados em relação a um ideal lingüístico. Logo, para se saber o que é adequado/inadequado é preciso saber qual é esse ideal: uma busca a que inúmeras pesquisas lingüísticas têm se dedicado, para saber o que é tolerável e o que não é, ou seja, qual é (são) o(s) parâmetro(s) capaz (es) de assegurar os graus de aceitabilidade.

Nesse contexto, o autor coloca em relevo o fato de que os estrangeirismos, quando nacionalizados, não podem ser submetidos a uma deficiente visão histórica dos gramáticos, ou de políticos que acreditam podem controlar, através das regras e decreto, pois os empréstimos não são coisas.

(...) facilmente extirpáveis de um idioma, (...) que nele entraram por necessidade, para suprir um déficit cultura. Desde épocas antigas numerosas palavras têm saído do seu domínio original para regiões distantes. Vendryes lembra o fato de as palavras tomadas de empréstimo ao latim pelos povos setentrionais foram quase sempre às mesmas, e dentre um bom número correspondia a palavras tomadas, anteriormente, pelo latim ao grego. Também a maioria dos estrangeirismos incorporados ao português são palavras que igualmente ingressaram em outros idiomas – por 'barbarismo universais de que fala Manuel Bandeira'. CUNHA, 1981. P. 35).

Essas considerações de Cunha apontam para o mesmo ponto de vista que se buscou reforçar: nenhum empréstimo lingüístico provocou anarquia idiomática e tampouco decomposição de idiomas, apenas enriquecem o campo lexical e o sintático-estilístico. Os idiomas têm recursos de autodefesa e, segundo Cunha, o mais produtivo é analisar as condições e processos que acarretam a nacionalização dos empréstimos, em vez de se prender a questões puristas. Para

tanto, é preciso considerar que as diferenças entre homens e línguas sempre existiram e existirão e elas são desejáveis. Mas é preciso se esforçar para que “elas não ultrapassem aquele matiz ideal preconizado por Jorge Luis Borges: *um matiz que seja bastante discreto para entorpecer a circulação total do idioma e bastante nítido para que nele ouçamos a pátria*”. (CUNHA, 1981. P.85)

O “ouvir a pátria”, quando se trata de palavras de origem estrangeira, parece ser a razão ou a força matriz que desencadeia os processos de nacionalização delas; entretanto, para nacionalizar vocábulos estrangeiros, o usuário se depara com duas dificuldades: a pronúncia e os implícitos culturais. A pronúncia decorre da não equivalência do sistema fonológico da língua portuguesa em relação ao da inglesa; os implícitos, conforme já apontado, do foco com que cada um desses povos recorta e interpreta conhecimentos do mundo.

## **2.2 O uso de estrangeirismo e estratégias de exclusão**

Os estudos acima possibilitam afirmar que se podem associar os empréstimos à mudança de código lingüístico pressupõe um modelo de contexto sócio-histórico-cultural distinto. Assim, a mudança de código tipifica-se por situações de linguímo que pressupões a justaposição de um modelo de fala segundo o qual o usuário opera com os dois sistemas léxicos – gramaticais: aquele da sua linha materna e aquele da língua estrangeira.

A proficiência do uso de cada um deles está diretamente associada ao domínio da linha estrangeira e pressupõe alternância no uso de um e outro desses códigos, em relação a situações distintas, e por isso, se referem a funções ou práticas discursivas diferenciadas.

Para os estudiosos dos bilingüismos, a troca de sistemas de codificação, implicando a criação de nova(s) língua(s), ou idiomas – um falar próprio de um povo que faz uso de um mesmo sistema estrutural, contudo, modalizado por marcos culturais próprios, de que resulta uma arquitetura lingüística diferenciada, quando comparada a outros povos que fazem uso desses mesmos sistemas – é um fato histórico de longa duração e sempre implica a imposição e aprendizagem da língua estrangeira como língua oficial. As línguas oficiais têm a função de impedir a troca de sistemas de sinais lingüísticos como suporte de processo de comunicação em um

dado território nacional, mas não impedem a idiomatização e tampouco os contatos e, com eles, os empréstimos:

a mudança de código caracteriza-se por uma mudança completa para outra língua (...) enquanto o empréstimo é uma palavra ou expressão fonológica e morfológicamente adaptada à língua que está sendo falada (...) os elementos em questão são incorporados ao sistema gramatical da língua que os toma emprestado. Eles são tratados como parte seu sistema lexical (...) adotam suas características morfológicas e entram nas suas estruturas sintáticas. (BRITO DE MELLO. 1999. pp. 95 e 96).

Segundo Silva (2003), no Brasil a língua invasora é o língua Inglesa, pois é esse idioma que mais exerce influência no mundo devido aos avanços tecnológicos e científicos dos Estados Unidos. É facilmente de ser identificado como estrangeiro por não corresponder nenhuma língua usada na vida diária de comunidade brasileira. É a língua franca nos dias atuais, que consiste, segundo *Bagno (2001b;790,)* em *“uma língua internacional que serviu (serve) como instrumento auxiliar de comunicação entre pessoa de lugares e culturas (e línguas) diferentes”*.

O uso do estrangeirismo ou empréstimos lingüístico, no meio social pode causar varias atitudes, reações por partes dos falantes, aceitação ou rejeição.

Muitas vezes é necessária para algumas pessoas, mas há outras que não sabem o significado de certas palavras, por acharem "chique" o modo como são faladas, no entanto são excluídas.

Marcos Bagno dá um exemplo de como o estrangeirismo não altera a estrutura da língua (apud FARACO, 2001, p. 74):

***O Office-boy flertava com a baby-sitter no hall do shopping center.***

Esta oração obedece às regras de sintaxe e morfologia da língua portuguesa, segundo Bagno, apesar de os termos serem em língua estrangeira. Esse fato demonstra que mesmo diante de expressões estrangeiras o arcabouço da língua está intacto. [www.mundocultural.com.br](http://www.mundocultural.com.br).

Segundo Wagner em seu artigo " Os estrangeirismos e suas transformações" quando as palavras passam de uma língua para a outra, é natural que se manifestem de imediato algumas transformações. Elas serão tanto mais significativas quanto maior for à diferença entre as línguas, tendo em conta aspectos como o inventário fonológico, a estrutura morfológica, os parâmetros sintáticos, etc.

Possenti afirma: "O que constitui uma língua é sua gramática, isto é, seus sons (sua distribuição), seus padrões silábicos, sua morfologia (seu sistema flexional, por exemplo), sua sintaxe. Neste domínio, o português está absolutamente intocado". (apud FARACO, 2001, p.164)

Quando as palavras passam de uma língua para a outra, é natural que se manifestem de imediato algumas transformações. Elas serão tanto mais significativas quanto maior for a diferença entre as línguas, tendo em conta aspectos como o inventário fonológico, a estrutura morfológica, os parâmetros sintáticos, etc.

No entanto, por uma determinada palavra manifestar essas transformações imediatas, não podemos afirmar com certeza que um dia virá a ser integrada ao léxico. Há, no entanto, muitos casos de palavras importadas de outras línguas que não chegam a perder o estatuto de estrangeirismo, ou seja, que não passam pelas transformações necessárias para integrar o inventário de formas lexicais disponíveis na língua. É nessa situação que geralmente se encontram os nomes próprios estrangeiros, assim como as palavras que designam realidades específicas de outras culturas.

A adaptação fonética imediata está relacionada com o fato de não existirem, em português, os mesmos segmentos ou contrastes fonológicos que existem na língua de origem, como os segmentos nasais do francês e do inglês. Em relação ao francês, observamos que as vogais nasais, por natureza [+ baixas], se tornam sistematicamente [- baixas], como as restantes vogais nasais do português padrão (*soutien*: souti[Ê] > suti[ã], por exemplo). [www.iltec.pt/pdf/wpapers](http://www.iltec.pt/pdf/wpapers).

As adaptações morfossintáticas das palavras estrangeiras, na primeira fase do processo de integração, ocorrem basicamente da atribuição de gênero e da integração numa classe de palavras. Aos nomes comuns provenientes do inglês é normalmente atribuído o gênero masculino, nomes como *flash*, *ketchup* e *software* têm gênero masculino, pois não existe qualquer tipo de motivação formal ou semântica para atribuir o gênero feminino.

Há também um fator de ordem semântica que pode ser decisivo na atribuição do gênero. Alguns autores o chamam de atração sinonímica, processo pelo qual o estrangeirismo adquire o gênero feminino por estar associado a uma palavra vernácula feminina que designa um conceito equivalente. Exemplificando: *homepage* (página), *internet* (rede), *password* (palavra), *star* (estrela, celebridade).

A integração das palavras estrangeiras numa determinada classe de palavras, tal como a atribuição do gênero, processa-se de um modo imediato. Essa é uma operação relativamente trivial, a não ser no caso das estruturas sintaticamente analisáveis na língua de origem que, na passagem para o português, se tornam inanalísáveis. Exemplos ilustrativos são a transformação dos sintagmas do inglês *free shops*, *wearable computers* e *world music* em nomes comuns e também a transformação do sintagma *honoris causa*, do latim, num adjetivo.

O que se verifica em nível semântico, no primeiro momento em que uma palavra passa de uma língua para outra, é uma tendência muito forte para que as formas sejam monossêmicas, uma vez que normalmente designam uma realidade específica para a qual não existe um correspondente vernáculo. Exemplificando, em português, *retarder* (dispositivo instalado em alguns veículos que funciona a par com os travões para diminuir a velocidade em segurança) apresenta um significado restrito.

As palavras estrangeiras que se encontram nessa primeira fase caracterizam-se por apresentar uma grafia idêntica à da língua de origem. Pelo fato de serem sentidas como estranhas ao sistema lingüístico, é comum ocorrerem com tipos gráficos (aspas, itálicos, etc.) distintos. [www.iltec.pt/pdf/wpapers](http://www.iltec.pt/pdf/wpapers).

### **3 CAUSAS E EFEITOS DO ESTRANGEIRISMO**

Segundo o Deputado Rabelo o estrangeirismo é um fenômeno que agride línguas do mundo inteiro. Isso não é privilégio da Língua Portuguesa. Já tendo sido tema até de provas do Vestibular, o uso de expressões estrangeiras podem revelar dinamismo, mas também uma espécie de "colonialismo lingüístico". Tudo depende do quanto de vocábulos "emprestados" o falante pode estar usando em seu cotidiano.

Em nosso mundo globalizado, o inglês tem sido o grande "vilão" e muitos países têm até mesmo impostos multas e punições a quem usar de anglicismo indiscriminadamente - como é o caso em algumas regiões do Canadá. A proporção dessa interferência é maior do que normalmente imaginamos: "entre as línguas de maior número de falantes, o inglês está em segundo lugar, após o mandarim dos chineses. "(...) Hoje, é a língua da ciência, das finanças e da tecnologia, dos filmes de Hollywood e dos megashows, da informática e da Internet, da veiculação de informações em escala global".

Mas, como essa influência tem afetado nosso idioma? Bem, há palavras inglesas em diferentes níveis de incorporação e/ou utilização, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

Nível 1 - palavras já incorporadas inteiramente, já tendo sofrido acomodações gráficas ao nosso idioma: triste, suave, inferno, piquenique, futebol, voleibol, tênis, xampu, forró ( da expressão " baile for all" = bailes para todos ), estresse, acessar, etc.

Nível 2 - palavras que mantêm seu traço lingüístico anglo-saxão, mas já fazem parte de nosso cotidiano: rock, strip tease, performance, etc.

Nível 3 - palavras que revelariam ou a limitação do nosso idioma em relação aos novos temas da vida contemporânea, ou a limitação do falante em relação ao vocabulário que domina em seu próprio idioma - esse nível é o mais criticado por lingüistas: boom, software, hardware, site, in/out (dentro e fora da moda), cult, etc. Nesses casos, deve-se, inclusive, usar aspas ao escrever tais vocábulos.

Ainda assim, é bom lembrar que qualquer língua pode ser agredida por esse tipo de influência - o inglês mesmo possui vários casos. Além disso, no caso específico do Brasil, várias nações contribuíram - em maior ou menor proporção - para a composição do português aqui falado, como é o caso do francês, caracterizando o galicismo exemplificado pelas palavras abajur, complô, burocracia, lingerie, necessaire, menu, etc.

### **3.1 Lingüísticos Contra x favor projeto de lei nº. 1676/99**

#### **3.1.1 Principais opositores**

Ser contra ou a favor do projeto de lei nº 1676/99 não é o mesmo que ser contra ou a favor aos estrangeirismos.

O deputado em seu projeto:

- Proíbe, mas não cita as penalidades.
- Fala sobre incentivos, mas não diz como atingi-los.
- Demonstra nacionalismo mais atrelado ao puritanismo.
- Quer preservar o português, originário do latim vulgar, que por sua vez, originou-se do latim clássico o qual não se preservou.
- Quer defender a língua de um monstro que não existe.

Concordamos com Laudelino Freire *"Venham os estrangeirismos assim transformados, contanto, porém, que sejam necessários"*. Também acreditamos na dinâmica da língua pois o Português de hoje não é o mesmo de ontem e não vai ser o mesmo de amanhã, ontem português de Portugal, hoje português do Brasil e

*talvez amanhã apenas brasileiro como Marcos Bagno cita em seu livro Português ou Brasileiro (São Paulo, Parábola, Editorial, 2001).*

Marcos Bagno argumenta contra os mitos:

1º Mito "Em toda a extensão territorial geográfica do país fala-se a língua portuguesa". Marcos Bagno cita os falares regionais como uma variedade lingüística.

2º Mito "Proteger a língua portuguesa é proteger a nós mesmos e a nossa rica variedade cultural". Marcos Bagno diz: "Não existe língua pura, o vocabulário de qualquer língua do mundo é o resultado de séculos de intercâmbios com outros povos, outras culturas e conseqüentemente, outras línguas. Querer uma língua pura é o mesmo que querer uma raça pura, e já sabemos a que tipo de situações trágicas as idéias desse tipo podem levar...".

3º Mito "Outros países têm leis parecidas e nem por isso deixam de ser a Meca do mundanismo cultural, como é o caso da França, sempre rigorosa e restrita na defesa orgulhosa da língua francesa". Segundo Marcos Bagno, a lei Francesa de 1975 sobre os anglicismos não teve nem de longe o efeito esperado sendo alvo de escárnio por parte dos franceses, que cada dia mais recheiam sua fala de termos oriundos do inglês.

4º Mito - A crença na descaracterização de nosso idioma. "Outra coisa importante é lembrar que os estrangeirismos não alteram as estruturas da língua, a sua gramática, por isso não são capazes de destruí-las. Os estrangeirismos contribuem apenas no nível mais superficial da língua, que é o léxico" diz Marcos Bagno (2001).

Laudelino Freire no livro pela defesa da língua, página 28, argumenta: *"Venham os estrangeirismos assim transformados, contanto, porém, que sejam necessários"*. [www.novomilenio.inf.br](http://www.novomilenio.inf.br).

A professora Macilda Sena do curso de língua inglesa e literatura brasileira do Unicema acredita que a lei não vai mudar o quadro atual *"Acho difícil que consiga atingir os seus propósitos, uma vez que o estrangeirismo já está incorporado no cotidiano"* e ela também afirma que: *"Pode ser que se consiga eliminar das redações oficiais. Seria o mesmo que tentar unificar a língua portuguesa"* compara.

O editor chefe do correio popular Mário Evangelista diz: "*Acredito que haja um pouco de pobreza cultural no uso exagerado de estrangeirismos, mas não podemos fechar a porta para a dinâmica da língua*".

Cecília Pavani a coordenadora do Departamento de Educação (RAC) acredita na defesa da língua, mas não na imposição do seu uso, defende a dinâmica da língua e condena o uso de estrangeirismos em palavras que já existe na língua, porém não deixa de usar as palavras que não tenham equivalência.

Segundo Maria Alves Lieda, professora-doutora de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da USP, em reportagem local, não acha que haja risco de empobrecimento da língua. Segundo ela, os *empréstimos* sempre ocorreram. "O contato cultural ou econômico causa esse intercâmbio".

Lieda divide os empréstimos em passageiros e temporários. Há aquelas palavras que fazem parte de um *modismo* e desaparecem. E há os que permanecem e são incorporados ao dicionário. Segundo ela, o *empréstimo* sempre foi um fator de enriquecimento das línguas. Ela cita os termos de informática. "São empréstimos necessários. Palavras que vêm com conceitos." [www.novomilenio.inf.br](http://www.novomilenio.inf.br).

Ela afirma que o crescimento da importação desses termos não é motivo de preocupação. "Nenhuma língua foi destruída por causa de novos termos".

Ela cita o exemplo dos gregos. "Quando uma sociedade é rica culturalmente, não importa. Os gregos foram invadidos pelos romanos e não assimilaram o latim".

Lícia Maria Heine, professora-assistente de Lingüística da Universidade Federal da Bahia, concorda. Segundo ela, um dos princípios da lingüística é a comparação de línguas. Um idioma acaba esclarecendo o outro. "A gente aprende melhor uma língua comparando com outra". (L.M.). [www.novomilenio.inf.br](http://www.novomilenio.inf.br).

Já para Dino Preti, professor-doutor de língua portuguesa da PUC-SP, afirma que a infiltração do inglês é absurda e deve ser controlada. Segundo ele, a entrada do inglês no Brasil pode causar danos, mas é difícil de ser evitada. "No começo do século (N.E.: século XX), tudo que era chique era em francês. Hoje, é em inglês". Ele é contra qualquer movimento para pedir leis que impeçam o uso de palavras em inglês. "Acho que não funciona. É como a ditadura que queria proibir as gírias". Para Preti, precisa haver uma revalorização da escola. "São forças muito grandes. É preciso reforçar a educação das pessoas".

Para Pasquale Cipro Neto, consultor de português da *Folha* pode existir risco de empobrecimento do português se a "infiltração" afetar a estrutura da língua. Ele cita a SP Transportes e o "sabor limão". "Essa não é a ordem do português. É uma inversão".

Segundo Pasquale, algumas pessoas usam palavras sem necessidade. "Alguns dizem que trabalham *full-time* em vez de tempo integral, por exemplo. Isso é esnobe".

O gramático Napoleão Mendes de Almeida, autor do *Dicionário de Questões Vernáculas*, critica o uso abusivo do inglês. "Cartazes na rua, nomes de loja, tudo. Hoje, quase não consigo ler jornal nas seções de economia e informática". Segundo ele, esse abuso pode ser um risco. (L.M.) [www.novomilenio.inf.br](http://www.novomilenio.inf.br) .

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final deste trabalho, temos em mente que buscamos estudar a língua portuguesa em uso no Brasil a partir de um enfoque da história-linguística das expressões estrangeiras em uso no Brasil.

Devido as transformações culturais e sociais, políticas e econômica a língua passa por mudanças, ocasionando os empréstimos lingüísticos e estruturas de outras línguas.

Ao tomarmos a língua como produto e processo histórico-cultural, sujeita as influências externas. Assim, constatamos que o uso dessas palavras e expressões desencadeia inovações e adoções lingüísticas na língua portuguesa.

No decorrer de nosso trabalho pudemos analisar o propósito desse Projeto de lei do deputado Aldo Rebelo PL 1676/99 não aos estrangeirismos. Ouvimos: lingüistas, gramáticos tradicionalistas. Os gramáticos tradicionalistas se enganam ao acreditar que não existe variedade lingüística, condenam qualquer manifestação lingüística e cultural, proibem os cidadãos de serem donos de sua língua não aceitam o que não estiver em suas gramáticas esquecendo as manifestações lingüísticas de nosso país.

Por falta de iniciativas no Brasil da valorização da língua pátria, que deveria ser fomentada pela educação nas escolas e em todos os níveis de ensino, foi proposto o projeto de lei 1676/99 do deputado federal Aldo Rebelo, projeto este aprovado pela Câmara dos Deputados e com substitutivo aprovado por unanimidade do dia 13 de dezembro de 2007 no Senado Federal, Comissão de Constituição e Justiça - CCJ.

Após inúmeras discussões, muitos teóricos e até mesmo leigos nas questões lingüísticas, concordam que a tentativa de proibição de uso de certos vocábulos, fato que ocorre no referido projeto de lei, não provoca enfim uma defesa

da língua portuguesa como assim sugere o deputado Aldo Rebelo, e, nem mesmo, uma maior valorização da língua por seus falantes.

Portanto, uma lei que proíba o estrangeirismo sem uma criteriosa análise de cada caso será sempre uma lei normativa que, não acompanhando os vários estágios de emprego e adaptação dos estrangeirismos, iria contra o efetivo uso da língua.

Acredita-se que a mídia e o mercado tenham predominância sobre a educação, usando hoje de seus poderes para regular a língua através de suas publicações. Essa influência dos meios de comunicação ocorre no mundo inteiro, principalmente em países como o Brasil, onde o poder de grandes emissoras atingem as regiões e camadas sociais e onde o sistema educacional é, de maneira geral, bastante precário.

No entanto, a língua tem que evoluir, mas cabe também a certas instâncias sociais exercerem algum controle sobre essa evolução, pois essas decisões devem ser vistas como políticas. Fica o problema, portanto, voltado para a esperança da melhoria do sistema educacional, pois leis de defesa da língua só poderiam ser úteis se baseadas em uma consciência social sobre a importância do idioma nacional, o que é possível de ocorrer com uma educação de qualidade.

Entretanto, uma reforma educacional exige, no mínimo, uns dez ou quinze anos de maturação e faltam, no Brasil, leis que garantam uma continuidade das políticas consistentes que requerem um tempo razoavelmente longo para funcionarem.

O sentimento de preservação da língua nacional em Portugal, afirma Xatara (2001) em *Estrangeirismos sem fronteiras*, publicado na Alfa – Revista de Lingüística é bem mais acentuada que no Brasil, pois existe nesse país um planejamento lingüístico amparado por uma legislação que tem o apoio popular e, também, por uma política educacional que procura valorizar a soberania da língua portuguesa em território nacional.

No Brasil falta essa verdadeira política educacional que poderia utilizar-se também dos recursos da mídia com a finalidade de despertar os brasileiros para a importância de uma língua como patrimônio e identidade cultural, diz XATARA (2001). Seja onde for a valorização da língua pátria deve ser fomentada pela educação, nas escolas, em todos os níveis de ensino. Contudo, no caso da língua portuguesa, esse trabalho parece não surtir o efeito desejado. Falta-nos uma

verdadeira política educacional quanto a isso, que também poderia utilizar todos os recursos da mídia, com a finalidade de despertar nos cidadãos a importância de uma língua como patrimônio e identidade cultural e de se saber usá-la corretamente (*e aí se começa outra discussão: o que seria correto?...*) (XATARA, 2001, p. 151) Assim, não será simplesmente com uma lei que o estrangeirismo deixará de ser usado. É necessário despertar nos falantes uma consciência a cerca da importância e do valor do seu idioma, para que, a partir de então, o próprio falante preserve, se assim julgar necessário, sua língua dos empréstimos muitas vezes abusivos, apesar de não ameaçadores, já que o uso de estrangeirismos não configura ameaça à língua portuguesa.

O contato com outra língua, e eventual uso de empréstimos lingüísticos algo saudável, (enriquece) uma vez que é por meio deste contato que se forma a cultura e, conseqüentemente, a história de um povo, fato este que marca sua identidade. Portanto, imaginar uma língua pura é algo ilusório. As línguas mudam e essas mudanças são inevitáveis,

Passa assim a ser o projeto de Aldo Rebelo a causa de polêmicas entre os especialistas da língua portuguesa, pois para muitos, torna-se ele inviável enquanto para outros nem tanto.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo, Parábola, 2001.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Lingüística e Gramática.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CARVALHO, Nelly. **As duas vertentes da Língua Portuguesa: usos no jornalismo.** In VII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, ano VII, nº.12 CIFEFIL 2003.

COSERIU, Eugenio. (1979. **Sincrônica, diacronia, história.** Rio de Janeiro: Presença.

CRYSTAL, David. The cambride Encyclopedia of Language.2 ed. New York/melhoramento: cambridge University Press,1997.

CUNHA, Celso. **Língua, nação, alienação.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FARACO, Carlos Alberto. (1991). **Lingüística Histórica.** São Paulo: Ática.

GUILBERT, La. **Créativité lexicale.**Paris: Larrouse Université 1975.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. (2002). **Bases Teóricas-metodológicas para a Historiografia Lingüística.** São Paulo:

MELLO, H. A. B. De. **“O português é uma alavanca para que eles possam desenvolver o inglês”**: eventos de ensino-aprendizagem em uma sala de aula de ESL de uma escola “bilíngüe”. 1999.

SILVA, Ana Cristina Barbosa da. **Estrangeirismo em livros Didáticos**. Dissertação de pos graduação em letras da universidade de Pernambuco. 2003.

RAJAGOPALAN, Kesava. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **A Língua Portuguesa e a unidade do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

WAGNER, L. R. **Os estrangeirismos e suas Transformações**. *Interface-Tecnológica, Taquaritinga – SP, v.1, n. 1, p. 59-65,2004*.

XATARA. C. M. 2001. **Os dicionários bilíngües e o problema da tradução**. In: Oliveira, A. M. P. P. de; Esquerdo, A. N. (org), 181 – 187.2001.

[www.iltec.pt/pdf/wpapers](http://www.iltec.pt/pdf/wpapers). Disponível 20/09/2008.

[www.novomilenio.inf.br](http://www.novomilenio.inf.br). Disponível 25/09/2008.

[www.mundocultural.com.br](http://www.mundocultural.com.br). Disponível 25/09/2008.

# **ANEXOS**

## **ANEXO I**

### **Ficção**

**"Have a sale? Good for you!"**

***Marcelo Rubens Paiva***

Wonderful, mammy. São Paulo é show. Estou com meus brothers num shopping que é o must. Assim de teen com sex appeal. Assim de sales: 15% off, em média.

Dizem que é por causa do crash do stock market de Hong Kong. Sabe como é: os comunistas não têm know-how para free market...

Avise ao daddy que usei o Mastercard dele. Entrei numa loja no lobby com layout bem cool - todo de neon. Comprei jeans, um coat com zíper, um tennis shoes e uma T-shirt de náilon do Chicago Bulls. Os office-boys andam the skates e rollers pela loja. Ah, meu pager quebrou, droga!

Fiz um haircut e, later, comprei uns compact discs: Viper, aquele que era underground, Carlinhos Brown, daquele clipe bem doido, Chico Science, do mangue beat, e Planet Hemp, do hit "Free... Cannabis free...".

Tem tudo na loja. Tem punk, tecno, hiphop, rap, dance, jazz, funk e muito rock. Sei bem que o meu CD player está out. Mas posso usar o auto reverse com surround do Júnior.

Ele ia adorar uma store que sells hard and softwares. Tem chips, hard discs, mouses, pads, keyboards, wires, tudo plug anda play para o Windows 95, bem em conta.

Tá na hora de ele fazer um upgrade no laptop, passar um scan, formatar para acessar a Internet e conectar um monitor de 17 inches, tipo energy pollution preventers, não é?

No playground, tem um outdoor lindo; um nocaute. Vamos fazer um piquenique nele e jogar vôlei. Antes que eu me esqueça, vocês fixed minha colored printer?

Tem uma drugstore que vende stress tabs. Comprei um bandeide, pois tinha machucado o dedo, quando tropecei, num estande meio new age que vende no breaks.

Tinha um junky free-lancer cheio de piercings que ficou me flertando - seria barrado num antidoping. Ficou me perguntando sobre meus hobbies. Queria me levar pro flat dúplex dele. Deve ser aquela coisa bem kitsch, com hall e living espelhados. Mas, happy end, tive um feeling e dispensei o cara com class.

Na bookstore, cheia de best-sellers, comprei uma revista de design e um livro de marketing pro daddy. Fiquei folheando uns cartuns. Teve um blecaute na cidade.

Então fui fazer um lunch que vai me deixar bem fat. Rosbife com potatos, muito ketchup e uma salad bowl. Dessert: short cake. Mas meus brothers diziam: "Relax, coma à vontade..." Então, relaxei e pedi um frost iogurte. Mas só tomei Coca light. Ainda fomos para um happy hour, tomar um drinque nm pub. Foi um happening.

A agenda está cheia the meetings. After, we played snooker. I won. Yes, I am the best among my friends. Depois, on the road!

We took a bus to a beach where we have surfed for hours and hours.

É show. I'm missing you. Não se preocupe que passei Sundown.

Na volta, levamos uma blitz dos homens, que nos levaram para uma espécie de bunker no meio da jungle porque acharam um pôster do Planet. Pediam dolars.

Kiss. I love you...

**P.S. Não se esqueça de pagar minha aula de Português do Berlitz, o que eu acho uma bobagem, mas vocês insistem tanto...**

## Anexo II

Esta matéria foi publicada na edição de 23 de novembro de 1997 do jornal *Folha de São Paulo*:

**As 20 mais usadas**

Segundo pesquisa em jornais e revistas

- **talk show** - entrevista na TV
- **teen** - adolescente
- **ranking** - lista por ordem de importância
- **drag queen** - homem que se veste de mulher para ir a festas
- **black** - preto
- **cover** - o que substitui
- **funk** - ritmo musical
- **fast food** - comida rápida
- **clubber** - termo usado para definir quem sai para dançar, geralmente vestido com roupas exóticas
- **cult** - cultuado
- **dance music** - ritmo musical
- **serial killer** - assassino que comete crimes em série
- **rapper** - quem compõe ou mesmo participa de bailes rap (gênero musical)
- **yuppie** - jovem, rico e moderno
- **flat** - apartamento
- **jet ski** - motocicleta aquática
- **grunge** - termo que virou sinônimo de gênero musical e sinônimo de um jeito de se vestir criado por adolescentes de Seattle (EUA)
- **high tech** - de alta tecnologia
- **crack** - droga feita a partir de pasta de cocaína impura que é fumada em cachimbo
- **revival** - reviver

**Exemplo de "portuglês"**

- **smoking** - o traje de gala usado por homens em festas a rigor tem outro nome na Inglaterra. Lá o termo preto é chamado de DJ (dinner jacket)
- **shopping center** - Nos EUA, o centro de lojas é chamado de mall
- **pulôver** - a palavra que significa "agasalho de malha" não é pullover, mas jumper
- **disk** - lojistas ingleses ou norte-americanos usam call para pedir que os clientes façam pedidos por telefone



Fontes: os neologismos fazem parte do "Dicionário do Português Contemporâneo do Brasil", coordenado por Teda Maria Alves, professora-doutora da filologia e língua portuguesa da USP. O livro será lançado no ano que vem.

Infográfico publicado com a matéria, da Editoria de Arte/Folha Imagem. No rodapé:  
"Fonte: os neologismos fazem parte do *Dicionário do Português Contemporâneo do Brasil*, coordenado por Teda Maria Alves, professora-doutora da Filologia e Língua Portuguesa da USP. O livro será lançado no ano que vem" (N.E.: lançado em 1998)